

OS DESAFIOS DA IDENTIFICAÇÃO DA DISLEXIA NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

<https://dx.doi.org/10.48097/2674-8673.2022n7p12>

Ediwilza Pacheco¹
Katty Ronnes²
Fabiana Silva³

RESUMO

O presente trabalho aborda o tema da dislexia, um transtorno de aprendizagem que prejudica seriamente o desempenho escolar de uma criança, afetando toda sua vida estudantil caso não seja tratado. Esta pesquisa procura reiterar as repercussões da qualificação docente sobre a dislexia na sua prática pedagógica, enfatizando a importância da união do professor e da família junto a uma equipe multidisciplinar.

Palavras-chave: Dislexia. Professor. Diagnóstico. Estratégias. Alfabetização.

ABSTRACT

This paper addresses the topic of dyslexia, a learning disorder that seriously impairs a child's school performance, affecting their entire academic life if not treated. This article reiterates the repercussions of teacher qualification on dyslexia in their pedagogical practice, emphasizing the importance of the union of the teacher, the family and a multidisciplinary team.

Keywords: Dyslexia. Teacher. Diagnosis. Strategies. Literacy.

Data de submissão: 03/03/2022

Data de aprovação: 06/04/2022

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa discute sobre a dislexia, que é um tipo de distúrbio de leitura que apresenta uma dificuldade específica na aprendizagem da identificação dos símbolos gráficos. Embora a criança apresente inteligência neurotípica, integridade sensorial e receba estimulação e ensino adequados, é uma dificuldade que pode alcançar todas as classes sociais em todos os países do mundo.

Nesse sentido, a dislexia é um aspecto presente na sala de aula, porém como nem

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana da Grande Recife.
E-mail: ediwilzabrito@gmail.com

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana da Grande Recife.
E-mail: kattysilva354@gmail.com

³ Professora orientadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da FMGR.
E-mail: fabiana.silva1@gmail.com

sempre é identificada, os estudantes seguem seus percursos formativos sem entender as verdadeiras razões de suas dificuldades na escola. Assim, questionamos qual a importância do olhar do professor para o aluno com dislexia. A hipótese levantada é que o olhar do professor, quando munido de conhecimento técnico sobre dislexia, pode impactar na aprendizagem desse estudante.

Embora o educador tenha conhecimento sobre os diferentes tipos de metodologia e o currículo apresente disciplinas com base em conhecimentos psicológicos, a formação do licenciado não é aprofundada nos pressupostos da psicopedagogia, o que pode apontar para a necessidade de refletir sobre a formação inicial do pedagogo nesse sentido.

Diante do exposto o referido estudo tem como objetivo discutir a importância do olhar do professor no processo de ensino e aprendizagem de estudantes com dislexia durante a alfabetização.

O interesse por essa temática surgiu a partir das experiências e vivências nos estágios supervisionados e da relação pessoal de uma das integrantes da equipe com as vivências de seu filho diagnosticado tardiamente com dislexia. Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa se apropria de estudos de diversos autores para falar sobre dislexia.

O Ministério da Educação aponta, de acordo com dados da Associação Brasileira de Dislexia (ABD), que esse distúrbio atinge entre 5% e 17% da população mundial. Esses dados revelam a importância de discutir, a partir de estudos acadêmicos e científicos, esse aspecto relevante da sala de aula. É nesse sentido que a referida pesquisa se justifica, pois, pode contribuir com o debate acadêmico sobre a Dislexia.

A referida pesquisa foi realizada com 32 professores da rede pública e privada que atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental nos Anos Iniciais nas cidades de Recife e Jaboatão dos Guararapes.

CONCEITOS REFERENTES À DISLEXIA E SUAS CARACTERÍSTICAS

O nome dado às dificuldades de leitura e escrita no início do século XIX era agenesia visual gráfica, que é quando um indivíduo tem alguma incapacidade de cumprir uma determinada prática visual, voltada apenas para símbolos gráficos. (STERVENSON, 1907).

Hinshelwood (1917) já observava em seus primeiros estudos em famílias que não apresentavam déficit de nenhuma área de deficiência física, visual, e psicológica mostrada

cl clinicamente, mas que apresentavam dificuldades de compreensão de leitura sem motivo aparente.

Segundo Lanhez e Nico (2002) a dislexia não é uma doença, mas sim um transtorno de aprendizagem de fator genético, caracterizado por diferentes níveis: leve, moderado e agudo. Pode vir associado a outras condições como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ou pode ser adquirido no caso de acidente vascular cerebral (AVC).

Pinto (2019) descreve a dislexia como sendo:

[...] incapacidade específica de aprendizagem de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de um déficit fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiências de leitura reduzida que podem impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais. (PINTO, 2012, p. 22).

Alves *et al* (2011), apontam que o conceito mais aceito atualmente é definido como:

[...] um transtorno específico de aquisição e do desenvolvimento da aprendizagem da leitura, caracterizado por um rendimento em leitura inferior ao esperado para a idade e que não se caracteriza como o resultado direto de comprometimento da inteligência geral, lesões neurológicas, problemas visuais ou auditivos, distúrbios emocionais ou escolarização inadequada. (ALVES *et al*, 2011, p.30).

Moura (2013) explica que detectar o distúrbio de dislexia não é algo simples. Há casos em que os sintomas podem ser identificados precocemente a partir dos 4 ou 5 anos, mas um diagnóstico preciso só será possível a partir dos 6, 7 ou 8 anos, quando a criança está em seu período de alfabetização.

De acordo com pesquisas realizadas por Lovio, Naatanen e Kujala (2006), muitos são os fatores que podem apontar que a criança possui este transtorno de aprendizagem e descrevem as manifestações do desenvolvimento da dislexia em três subtipos: fonológico, visual e auditivo. Os sintomas de caráter preventivo podem ser reconhecidos nos anos iniciais da alfabetização, através da observação do desenvolvimento cognitivo, das habilidades motoras, na atenção e nas habilidades sociais.

Os autores afirmam que é possível observar o desenvolvimento cognitivo em crianças na pré-escola (3-5 anos). Nesta fase crianças disléxicas são caracterizadas pelo atraso na fala, imaturidade fonológica, e problemas para memorizar os dias da semana, o alfabeto, as atividades rotineiras etc.

Também é possível observar as dificuldades no desenvolvimento das habilidades

motoras como correr, pular, amarrar botões ou calçar sapatos. Outro ponto é com relação às dificuldades na atenção e problemas de interação.

Dessa forma é possível que o educador possa observar algumas características nos estudantes disléxicos como: grande dificuldade em aplicar as regras ortográficas de forma espontânea; pouca expressão escrita; dificuldade em fazer redação que requer a ordenação das ideias; mostra dificuldade em aprender conceitos numéricos básicos e não consegue aplicá-los em cálculos ou resolução de problemas.

Além disso, no momento da produção textual, o disléxico pode demonstrar uma grafia inadequada devido à dificuldade na coordenação motora fina, acarretando problemas em relação ao que escreveu, ausência de margens e irregularidades da direção de linhas. Conforme descreve Fichot (1973, p. 33): “a própria escrita é mal coordenada, geralmente cortada, retocada, lenta no desenrolar, refletindo as hesitações do disléxico perante a escolha e a forma da letra a escrever”. Desta forma, o pegar no lápis torna-se um desafio, muitas vezes associado à disgrafia.

A inclusão da dislexia no contexto escolar

De acordo com dados da Associação Brasileira de Dislexia, de 15% a 30% das crianças que estão na idade escolar possuem problemas de aprendizagem e 10% delas possuem dislexia. Portanto, é uma parcela significativamente elevada, considerando a população escolar. Para Smythe (2011, p. 154), “isso significa que a cada 40 crianças, haverá uma ou duas que precisam de ajuda especializada, e duas ou mais que precisarão de algum outro nível de ajuda”. Dentro desta perspectiva foi feito um levantamento dos principais autores que abordam a dislexia como ocorrência no ambiente escolar. Constatase que a Educação Infantil é a etapa inicial ao desenvolvimento da leitura e escrita. Esta fase é de importância primordial para a interpretação e domínio dos significados para todos os outros saberes. (CARVALHO, 2004).

Se a dislexia não for diagnosticada o quanto antes, poderá acarretar várias complicações na vida escolar e familiar destes educandos, afetando diretamente o emocional, fazendo-se acreditar que são pessoas incapazes ou diferentes. (LIMA; SALGADO; CIASCA, 2011, p. 761).

Segundo Martins & Capellini (2011, p. 750):

Autores mostraram que escolares de risco para a dislexia quando submetidos a programas de intervenção apresentam melhoras significantes em habilidades cognitivo-linguísticas, como na habilidade de percepção dos sons, identificação de letra, de sílabas e de palavras e medidas mais avançadas das habilidades de

alfabetização, como, por exemplo, fluência na leitura, vocabulário e compreensão de leitura, diminuindo o fracasso escolar e o número de escolares considerados maus leitores e de risco.

A escola é o ambiente que garante o processo de ensino e aprendizagem das crianças e jovens. Mas, para que isso aconteça é preciso um olhar investigador do docente sobre a vida de cada aluno. É a partir do olhar atento deste profissional que os pais poderão descobrir se seu filho precisará ou não de um acompanhamento com uma equipe multidisciplinar para o diagnóstico e desenvolvimento das suas habilidades. Todavia, para isto, é necessário que a escola tenha o conhecimento sobre os tipos de distúrbios de aprendizagem e que disponibilizem ferramentas necessárias para esta inclusão.

A escola brasileira, hoje, deve seguir o paradigma inclusivo. A inclusão do aluno com dislexia na escola é algo garantido por lei na medida em que a educação é direito de todos. Desta forma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) prevê que os estabelecimentos de ensino têm que prover meios para atender a todos os alunos, inclusive os alunos disléxicos, que devem receber atenção as suas NEE (Necessidades Educativas Especiais).

Em adição desde 2010, depois de várias audiências públicas, foi aprovado pelo Senado o Projeto de Lei 3517/19 no dia 09 de novembro de 2021, que dispõe sobre o atendimento aos alunos com transtorno de aprendizagem. Uma política que dá apoio a estudantes com dislexia, transtorno de déficit de atenção, hiperatividade e outros transtornos de aprendizagem nas escolas, além do acesso ao diagnóstico correto pela rede pública de saúde.

Conforme ressalta Souza (2010, p. 4), “a inclusão do aluno com dislexia na escola está garantida e orientada por textos legais e normativos”. Assim, cabe à escola buscar incluir o aluno na sala de aula. É necessário que haja um trabalho conjunto entre escola e família, de forma a estimular a criança que apresenta os sintomas ou recebeu o diagnóstico de dislexia para que o mesmo consiga amenizar os distúrbios de aprendizagem. Dentro desta linha, “a dislexia não é amenizada sem um tratamento apropriado. Não se trata de um problema que é superado com o tempo, ela não pode passar despercebida”. (GONÇALVES e NAVARRO, 2012, p. 83).

Principais dificuldades do professor em relação ao aluno com dislexia

Embora o transtorno da dislexia seja um assunto bastante discutido nos dias atuais, continua sendo um mistério para alguns professores que precisam desse conhecimento. O

estudo realizado por Carvalhais e Silva (2007) descreve que os docentes apresentam um conhecimento superficial sobre dislexia, não desfrutam de recursos estratégicos facilitadores incorporados à sua metodologia de ensino, além de desconhecerem a utilização das estratégias pedagógicas específicas para cada estudante disléxico. Consequentemente, o professor que tem apenas a formação profissional básica é desafiado quando se depara com um educando disléxico.

Segundo Tabaquim e Barros (2011) a docência e o ensino só serão significativos se forem sustentados por uma permanente atividade de construção do conhecimento. Fatores como falta de infraestrutura pedagógica e o quantitativo de alunos em sala de aula faz com que muitos professores não consigam observar que o aluno necessita de um apoio educacional específico, pois requer mais atenção e dedicação para desenvolver suas habilidades.

Como referenda Pinheiro e Vilhena (2013, p. 107), para que haja uma melhora na qualidade de vida destes estudantes, “é desejável que a atenção seja direcionada para programas de treinamento de professores, para capacitá-los a identificar crianças com risco de se tornarem disléxicas e a tomar as devidas ações”. A importância da formação do professor é indiscutível para a melhoria na qualidade de suas ações.

Dessa forma, é importante que o professor conheça o perfil social, educacional e familiar do aluno, através de observações e reuniões pedagógicas, para que assim possa ser feita uma análise com as informações adquiridas. Diante dos resultados obtidos, deve-se esclarecer aos pais as possíveis causas das dificuldades e mostrar a importância de se trabalhar em conjunto, emocionalmente e didaticamente, almejando melhor desenvolvimento de aprendizagem, evitando que o estudante se sinta inferior em relação aos outros.

Segundo Frank (2003), especialista na área de Psicologia Educacional, uma das áreas que habitualmente recebe menor atenção é o lado emocional da criança. Some-se a isto a ansiedade como um dos principais sintomas emocionais associados a esse transtorno. Um dos aspectos mais dolorosos e frustrantes para o disléxico é o fato de doar o seu melhor desempenho com tamanho esforço, o que pode causar pressão emocional e torná-los agressivos como forma de autodefesa.

Dessa forma, o professor se depara com alunos com características diferentes numa sala de aula, exigindo inúmeras competências. O docente que busca excelência em sua prática pedagógica precisa adquirir conhecimento e alguns procedimentos básicos em sua metodologia, valorizando a diversidade na educação para todos, despertando no

educando o desejo de se comprometer a aprender.

Práticas pedagógicas voltadas para os estudantes com dislexia

Um estudo publicado pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2016), descreve orientações para desenvolver em sala de aula com o intuito de colaborar para a inclusão do aluno. É importante que o professor use uma linguagem direta, clara e objetiva, falando e olhando diretamente para o aluno com frases curtas por conta de sua dificuldade de memorização, observando se o aluno está acompanhando o raciocínio da explicação, tratando o mesmo com naturalidade como os demais alunos.

Souza (1998) afirma que não existe um método eficaz para todos os casos, uma vez que cada disléxico pode apresentar diferentes características, porém, existem inúmeras metodologias a serem utilizadas em cada caso. Por exemplo, uma forma de evitar a distração do aluno seria deixá-lo próximo ao quadro branco, ao lado do professor, e distante de janelas, facilitando a atenção e favorecendo a troca de informações.

Em Prado (2010, p. 30) vamos encontrar algumas atividades que podem ser trabalhadas com alunos disléxicos. Neste sentido, é necessário trabalhar de forma integrada e contextualizada, objetivando o desenvolvimento das competências escolares, “[...] estimulando a aquisição de leitura e da escrita auditivamente, por meio de figuras, carimbos e colagens de cartelas no caderno”.

Na opinião de Hennigh (2003) existem alguns princípios que o professor deve compreender para que possa ajudar seus alunos no seu dia a dia. Devem-se dar instruções curtas e simples, uma de cada vez para evitar confusões, por terem dificuldade com a memória visual e/ou auditiva, o que lhe impede de automatizar a leitura e escrita e repita o enunciado do conteúdo, sempre que se fizer necessário. As questões devem ser formuladas para que o aluno possa demonstrar o que aprendeu, completando, destacando e identificando.

O autor enfatiza ainda que um dos fatores mais importantes para a aprendizagem do aluno é proporcionar um ambiente centrado nele, ou seja, considerar as demandas desses estudantes e adaptar materiais e avaliações tanto com relação à formatação das fontes (tamanho das letras) quanto em relação à objetividade de textos e imagens. Também não é recomendável elaborar avaliações que privilegiem a memorização.

Hennigh (2003) sugere que ao iniciar as avaliações é essencial que o professor faça a leitura em voz alta, explicando o que se deseja, verificando se os alunos

compreenderam o que se espera que seja feito. O aluno precisará de mais tempo e menos conteúdo para executar a prova. Se possível deve-se realizar a avaliação em outro ambiente (coordenação, biblioteca, sala de informática, etc.) para que haja maior concentração. Dependendo do grau da dislexia é preferível que se faça avaliação oral, já que a dificuldade de se expressar na escrita é muito grande. A solução pode ser a utilização da oralidade em tom de conversa, para que o aluno tenha a oportunidade de dizer o que sabe sobre o assunto em questão. “Desta forma, o disléxico se sai melhor e consegue passar mais detalhes sobre a pergunta realizada”. (LUCA, 2012, p. 4).

Conforme estabelece a Lei nº 9.349, de 24 de dezembro de 1996, no capítulo 5º do artigo 59, “Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades educacionais especiais: “currículos, métodos, técnicas e recursos educativos e organizações específicas para atender suas necessidades”. (BRASIL 1996). Deve ser respeitado o ritmo de aprendizagem de cada educando, reconhecendo suas especificidades em busca de uma educação de qualidade.

Em síntese, quando o professor analisa o aluno e suas observações indicam este possível transtorno, essas informações são repassadas para os responsáveis do estudante para que possam procurar a ajuda de um profissional. Entre eles neuropediatra, pediatra, fonoaudiólogo, psicopedagogo e psicólogo. Devem ser feitos também exames relacionados à visão e audição para que se elimine qualquer dúvida sobre outro fator biológico. A criança deve ser acompanhada por uma equipe multidisciplinar / interdisciplinar em conjunto com o professor e familiares, durante os primeiros seis meses, observando seu desenvolvimento e evolução para que o transtorno de dislexia não seja confundido com alguma dificuldade de aprendizagem de fator psicológico ou outro tipo de transtorno.

METODOLOGIA

Como descrito por Gil (2002), pesquisar (em um sentido ampliado) corresponde à busca de uma informação que não se sabe ao certo a resposta, mas existe uma necessidade de compreensão. Nesse sentido optamos por uma abordagem qualitativa e quantitativa.

Como procedimentos técnicos foram feitas investigações de natureza qualitativa, por meio de pesquisas bibliográficas, e realizada uma pesquisa de campo cujo objetivo foi entender o que de fato os professores compreendem sobre a dislexia, e assim obter resultados ainda mais relevantes.

RESULTADOS

Diante dos referenciais teóricos estudados, com o intuito de obter uma reflexão mais relevante sobre o conhecimento que os professores têm a respeito da dislexia, fez-se necessário uma pesquisa de campo, mediante questionário no Google Forms.

Assim, na apresentação das questões iniciais, apresentamos primeiro a informação referente à formação dos participantes, conforme a tabela a seguir.

Tabela 1- Formação dos entrevistados na área da educação

Formação	Percentual
Pedagogia	78,1%
Magistério	15,6%
Outros	6,3%

Fonte: os autores

A tabela 1 mostra a distribuição dos entrevistados por formação, conforme o que exige a legislação brasileira, onde se percebe que 78,1% são formados em pedagogia, 15,6% cursaram apenas o magistério e 6,3% possuem formação em outras áreas da educação. A propósito, a formação inicial acontece a partir da graduação, que é a base para o exercício da docência. Porém, é de grande valia que os professores busquem sempre se especializar em diversas áreas que envolvem a educação para enriquecer seu currículo profissional, podendo assim melhorar sua metodologia no seu planejamento escolar.

Tabela 2 - Formação Continuada

Especialização	Porcentagem
Sim	81,3%
Não	18,8%

Fonte: os autores

Analisando o perfil dos entrevistados, observamos que 81,3% possuem pós-graduação, demonstrando um percentual mínimo de 18,8% que não possuem formação continuada, o que é algo a se destacar, pois o conhecimento da graduação em si não trabalha as particularidades das dificuldades de aprendizado de forma detalhada nos pressupostos da psicopedagogia, tornando-se pouco suficiente para a atuação docente.

Tabela 3- Tempo de Experiência Docente

Período	Porcentagem
Mais de 5 anos	75%
De 1 a 5 anos	18,8%
Menos de 1 ano	6,2%

Fonte: os autores

A tabela 3 mostra que a maioria dos professores tem um bom tempo de experiência (75,8% dos entrevistados), exercendo a docência há mais de 5 anos. Um percentual de 18,8% dos professores tem menor tempo de experiência, ou seja, entre 1 e 5 anos, enquanto 6,2% refere-se aos professores que ingressaram a menos de 1 ano na área da educação.

De acordo com os dados, a maioria dos professores exerce a profissão há mais de 5 anos, sendo considerável que seja mais evidente a percepção das dificuldades de aprendizagem dos alunos e melhor intervenção e inclusão. Destacamos que 75% desses entrevistados atuam em escolas da rede pública de ensino, porém a formação continuada não depende apenas da rede de ensino do poder público onde o professor está vinculado, mas da busca do educador por qualificação profissional.

É necessário estar sempre atualizado quando se fala em educação, buscando sempre informações sobre o transtorno na leitura e escrita nos primeiros anos da alfabetização, para que o professor possa se apossar de conhecimento e experiência e, assim, saiba como averiguar se existe o aluno com suspeita de dislexia na sala de aula.

Tabela - 4 Conceito Sobre Dislexia

Definição	Porcentagem
Dificuldade de Aprendizagem	50%
Deficiência fonológica	12,5%
Transtorno de Aprendizagem	37,5%

Fonte: os autores

A partir dos dados levantados é possível observar que 59,4% dos educadores não sabem diferenciar a dificuldade de aprendizagem das características do aluno com dislexia. Já 40,6% responderam que têm o conhecimento para perceber as características e associar a dislexia. Porém, 50% dos professores responderam equivocadamente que

dislexia é dificuldade de aprendizagem, enquanto apenas 37% dos entrevistados têm o conhecimento sobre dislexia, que é um transtorno de aprendizagem, e 12,5% associaram dislexia a uma deficiência fonológica, errando mais uma vez no conceito.

Contudo, é importante destacar que o olhar do professor pode ser determinante para ajudar a diagnosticar a dislexia nas crianças, sabendo que o diagnóstico definitivo deve ser realizado por profissionais especializados ou por uma equipe multidisciplinar.

Tabela 5 - Estratégias Utilizadas em Sala de Aula

Recursos	Porcentagem
Atividades Lúdicas	50%
Estimular a Leitura em Voz Alta	37,5%
Jogos de Quebra – cabeça e Caça palavras	12,4%

Fonte: os autores

Os resultados demonstram que 50% dos educadores afirmam que uma das maiores dificuldades em se trabalhar com alunos disléxicos são as atividades lúdicas, concretas, com dramatização. No entanto, um número expressivo (37,5%) afirma que apresentam dificuldade em estimular a leitura em voz alta dos alunos com dislexia. Para tanto é uma metodologia equivocada que não deve ser aplicada a alunos disléxicos. Esta resposta dada pelos entrevistados diverge do que afirma Araújo (2007) que define a dislexia como uma dificuldade que ocorre no processo de leitura e escrita. Assim, os disléxicos demonstram insegurança e baixa autoestima, recusando-se a realizar atividades que possam mostrar seus erros e fracasso.

Outro dado ainda mais preocupante é o número de 12,5% de docentes que relataram dificuldades em auxiliar os alunos nas dinâmicas de jogos de quebra-cabeça e caça-palavras. Bellocchi e colaboradores (2013) descrevem como uma das características das manifestações da dislexia a dificuldade em jogar jogos de concentração. Certamente isso ocorre pelo desconhecimento dos educadores sobre o assunto tratado. A falta de conhecimento implica em uma das causas em relação a posturas e metodologias errôneas quando se trata da inclusão dos alunos disléxicos.

Desta forma, é indispensável que exista uma intervenção precoce para que o aluno tenha sucesso no processo de aprendizagem, pois, a identificação do problema é fundamental para poder achar a melhor forma para se trabalhar com o aluno disléxico. Mas, isso só ocorrerá se o professor estiver preparado para essa função. Do contrário, o aluno disléxico estará na sala de aula, mas, excluído das oportunidades de aprendizagem.

Tabela 5 - Dificuldades dos Educadores com Aluno Dislético

Dificuldades	Porcentagem
Inclusão	3%
Identificar	25%
Metodologia	25%
Suporte	34,5%
Leitura	6,25%
Reforço	6,25%

Fonte: os autores

Percebe-se que a maioria (34,5%) dos entrevistados considera que uma das maiores dificuldades de trabalhar com aluno dislético em sala de aula é a falta de suporte, um apoio pedagógico para auxiliar nas atividades propostas. A partir desse resultado é possível notar que 25% dos respondentes alegam que a metodologia é uma das principais dificuldades a ser mencionadas na tabela. É evidente que tal medida seja indispensável na prática docente, fazendo parte da formação contínua, proporcionando estratégias diferenciadas para a intervenção da leitura, contribuindo para uma inclusão efetiva. No entanto, apenas 6,25% percebe a necessidade de um reforço escolar, que nem sempre contempla os estudantes com dislexia por ser uma atividade de acompanhamento extraclasse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho cumpre os objetivos propostos, salientando que é possível observar os primeiros sinais da dislexia no início da alfabetização, através das experiências mais formais com a leitura e escrita. Por sua vez são encontradas diversas barreiras no contexto escolar que desfavoreçam este olhar do educador para relacionar a dificuldade do educando à dislexia, mediando junto à equipe multidisciplinar para possível estudo do diagnóstico deste transtorno.

Entretanto, de acordo com as evidências encontradas nesta pesquisa, foi possível perceber que a maioria dos educadores entrevistados não compreendem a dislexia e suas repercussões na vida do educando e, conseqüentemente, não tem o preparo no âmbito educacional voltado para uma metodologia coerente aos preceitos da perspectiva inclusiva. Fato que desvale o processo de ensino e aprendizagem de qualidade destes educandos, pois os dados da pesquisa diferem em muito do que dizem os autores na área.

Concluimos que para que se tenha uma prática pedagógica de qualidade é essencial que os educadores tenham comprometimento e saberes especializados sobre as dificuldades de aprendizagem, e compreendam que um educando disléxico tem direitos e capacidade de evoluir no seu processo de aprendizagem. Devemos possibilitar uma aprendizagem significativa, favorecendo o desenvolvimento de suas potencialidades individuais, e uma efetiva implementação da perspectiva educacional inclusiva no cotidiano escolar.

Em síntese, com a aprovação da nova Lei 14.254/21 que prevê assistência integral aos alunos com transtorno de aprendizagem como dislexia e TDHA, a falta de capacitação dos professores pode ser sanada, pois a lei determina que os sistemas de ensino devem capacitar os professores da educação básica para a identificação precoce dos sinais relacionados aos transtornos de aprendizagem.

Assim sendo, espera-se que esta pesquisa sirva de suporte para auxiliar novos trabalhos que buscam mais informações a respeito da dislexia.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. M. *et al.* **Introdução à dislexia do desenvolvimento.** In: Alves. L. M.; MOUSINHO, R.; CAPELLINI, S. (Org). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas.* Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p. 21-40.

ARAÚJO, M. W. M. (2007). **Habilidades metafonológicas e desenvolvimento de leitura e escrita recombinativas em crianças com diagnóstico de dislexia.** (Dissertação de Mestrado). Recuperada de <http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/1919>.

ABD. Associação Brasileira de Dislexia. Definição de dislexia elaborada em 2000 pela **International Dyslexia Association**. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

BARBOSA, Cláudia Freitas Franco. **Dislexia: dificuldades de aprendizagem na escola.** São Paulo: Medianeira, 2014.

BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)** de 26 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988. - Alteração promovida a partir da Lei nº 12.014, de 6 de agosto de 2009 - Parecer CNE/CEB nº 18, de 2005, Parecer CNE/CEB nº 39, de 2006, Parecer CNE/CEB nº 41.

CAPELLINI, S. A. *et al.* **Desempenho em consciência fonológica, memória**

operacional, leitura e escrita na dislexia familiar. Revista de Atualização Científica, v.19, n.4, p. 374-380, out/dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pfono/v19n4/a09v19n4.pdf>. Acesso em: 06 out. 2013.

CARVALHAIS, L. S. de A.; SILVA, C. **Consequências sociais e emocionais da dislexia de desenvolvimento: um estudo de caso.** Pró-Fono Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), v.11, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a03.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2021.

CARVALHO, Daniel; CARNEIRO, Rafael, MARTINS, Helen Fernanda Alves; SARTORATO, Eduardo . **Pesquisa Bibliográfica.** Goiânia, 16 jun. 2004. Disponível em:<http://pesquisabibliografica.blogspot.com.br>. Acesso em 03 maio 2021.

CATTS, H. W. *et al.* Identificação precoce da dislexia. *In:* ALVES, L. M.; MOUSINHO, R.; CAPELLINI, S. (Org). **Dislexia: novos temas, novas perspectivas.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p. 55-70.

FRANK, R.; LIVINGSTON, Kathryn E. **A vida secreta da criança com dislexia.** Como ela pensa. Como ela sente. Como eles podem ser bem sucedidos. São Paulo: M. Books do Brasil, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, D. ; NAVARRO, E. Como Trabalhar Com Criança Disléxica. Interdisciplinar: **Revista Eletrônica da Univar** (2012) n.o7 p. 81 - 85.

HENNIG, K. A. **Compreender a dislexia um guia para os pais e professores.** Porto Editora, 2003.

KUJALA, T.; LOVIO, R.; LEPISTÖ, T.; LAASONEN, M.; NÄÄTÄNEN, R. **Avaliação da discriminação auditiva multi-atributo na dislexia com a negatividade incompatível.** Clin Neurophysiol. 2006; 117(4):885-93.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LANHEZ, Maria Eugênci;a; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares.** 11 ed. Rio de Janeiro: Elseiver, 2002.

LIMA, R. F.; SALGADO, C. A.; CIASCA, S. M. **Associação da dislexia do desenvolvimento com comorbidade emocional: um estudo de caso.** Revista CEFAC 2011; 13(4): 756-762.

LUCA, Maria Inez Ocaña de. **E a escola o que pode fazer pelo disléxico.** São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.dislexia.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=253:e-aescola-o-que-pode-fazer-pelo-. Acesso em: 20 maio. 2021.

MORESI, E. A. D. **Apostila de metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos**. Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205864.pdf. Acesso em: 01 maio 2021.

PINHEIRO, M. A. S. *et al.* **Transtorno desafiador de oposição: uma revisão de correlatos neurobiológicos e ambientais, comorbidades, tratamento e prognósticos**. Revista Brasileira Psiquiatria, v.26, n. 4, p. 100 -176, 2004.

PINTO, C. M. R. G. F. **O dia-a-dia da dislexia em sala de aula: os conhecimentos dos professores do 1º ciclo sobre alunos disléxicos**. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, 2012.

PRADO, Z. **A importância das atividades lúdicas no processo de ensino aprendizagem na dislexia**. 2010. 49f. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual Paulista, São Vicente, 2010.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 3517**, de 2019 (Substitutivo da Câmara dos Deputados ao Projeto de Lei do Senado nº 402, de 2008. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/137302.htm>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RYDER, J. F.; TUNMER, W. E.; GREANEY, K.T. **Instrução explícita em consciência fonêmica e habilidades de decodificação fonêmica como estratégia de intervenção para leitores problemáticos em salas de aula**. 2007; 21(4):349-69.

SMYTHE, I. **Avaliação on-line para dislexia**. In: ALVES, L. M.; MOUSINHO, R.; CAPELLINI, S. (Org). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p.153-165.

SOUZA, Ana Paula Maria de *et al.* **Para boas respostas faça excelentes perguntas**. Neuroeducação para Educadores e Fundamentos, São Paulo, V. 1, § p. 04 -84, 2010.

TABAQUIM, M. L. M.; BARROS, D. M. V. **Iniciação científica na sociedade da informação e do conhecimento**. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 79-88, 2011.

APÊNDICE A - Questionário aplicado

Dislexia nos anos iniciais da alfabetização

1 – Qual sua formação?

- Magistério

- Pedagogia

2 - Quanto tempo de docência?

- Menos de 1 ano
- De 1 a 5 anos
- Mais de 5 anos

3 - Você atua em escola da rede pública ou privada?

- Pública
- Privada

4 – Já es algum tipo de formação continuada?

- Sim
- Não

5- Para você dislexia é:

- Deficiência visual/auditiva
- Deficiência fonológica
- Dificuldade de aprendizagem
- Transtorno de aprendizagem

6 – Você saberia identificar um aluno com possível dislexia?

- Sim
- Não

7- Qual a estratégia mais utilizada com aluno com dislexia em sala de**aula?8 – Qual sua maior dificuldade com aluno disléxico em sala de****aula?**